

GABRIEL ROLÓN

A FELICIDADE PARA ALÉM DA ILUSÃO

"Aqui, aprendemos que não
é toda e qualquer forma de felicidade
que nos interessa." – Ana Suy

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

GABRIEL ROLÓN A FELICIDADE PARA ALÉM DA ILUSÃO

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

Copyright © Gabriel Rolón, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *La felicidad. Más allá de la ilusión*

Preparação: Ana Maria Fiorini
Revisão: Valquíria Matioli e Ana Laura Valerio
Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao
Capa: Mateus Valadares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rolón, Gabriel
A felicidade : para além da ilusão / Gabriel Rolón ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
272 p.

ISBN 978-85-422-3845-7
Título original: La felicidad. Más allá de la ilusión

1. Psicanálise 2. Felicidade I. Título II. Dolinsky, Martha

25-3912 CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em
Mercury Text e Optima e impresso
pela Lis Gráfica para a Editora
Planeta do Brasil em setembro de
2025.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	13
INTRODUÇÃO	17

I

TERRITÓRIOS E TEMPOS DE FELICIDADE

1 FELICIDADE E PASSADO	33
2 VIVÊNCIA PRIMÁRIA DE SATISFAÇÃO	53
3 SEMPRE VOLTAMOS AO PRIMEIRO AMOR	59
4 FELICIDADE E FUTURO	71
5 LUGARES DE FELICIDADE	85

II

EINSTEIN, FREUD E O POETA

1 MÁS NOTÍCIAS	93
2 PULSÃO	109
3 NEM TODOS OS AMIGOS VALEM A PENA	123
4 ODE A FREUD	135

III

A FELICIDADE DEPENDE DE NÓS

1	DEPENDE DE NÓS?	141
---	-----------------	-----

IV

A FELICIDADE EM TEMPOS DE DESFRUTE

1	FELICIDADE E SUCESSO	183
2	UM MUNDO FELIZ	195
3	FELICIDADE E AUSÊNCIA	205
4	FELICIDADE E BUSCA	221
5	FELICIDADE E FRUSTRAÇÃO	229
6	FELICIDADE E MORTE	233
7	FELICIDADE MENTIDA	241

V

APESAR DO HORROR

1	FELICIDADE ESCONDIDA	247
2	NÃO MUITO LONGE	257

	PALAVRAS FINAIS	265
--	-----------------	-----

FELICIDADE E PASSADO

Nos anos de experiência que tenho como analista, percebi em muitos pacientes a saudade da infância, como se aquele tempo tivesse sido um momento de felicidade plena. Às vezes, no balanço da vida aparece a “pátria da infância” como um espaço cristalino onde recordamos o sorriso, as brincadeiras, as primeiras amizades. É possível que a ausência de preocupações, de deveres adultos, de responsabilidades de vida e financeiras daquele tempo nos faça pensar assim. Mas isso é realmente verdade?

Eu acho que se trata de uma falácia.

Encontramos a felicidade no ontem de uma maneira enganosa, como quem nos mostra uma fotografia na qual está diante de um lago nas montanhas, e nos conta como foi feliz nessa ocasião. Porém, é possível que esteja enganado, que naquele momento sua preocupação fosse capturar a melhor imagem, em vez de viver o instante.

Talvez alguém tenha tido uma infância feliz, mas, quando isso é forçado, quando se busca desesperadamente a felicidade na infância, acomodam-se e se agigantam lembranças que talvez não tenham sido tão felizes. Pode ser que, na distância, sejamos invadidos pela ideia de que devemos ter sido felizes naquele momento. Então, a psique faz uma espécie de “edição”: acrescenta detalhes que faltaram e tira alguns, uns tristes e outros cruéis, para transformar aquele “passado real” em um passado feliz.

Certa vez, pedi a Daniela, uma paciente que cultuava sua infância, que fizéssemos um exercício. Para a sessão seguinte, ela deveria

trazer uma foto da infância que refletisse um momento feliz. Na semana seguinte, ela chegou com uma fotografia na qual se via o jardim de sua casa, suas irmãs e seus pais. E lá estava ela, com seis ou sete anos. Sorriu. Perguntei o que estava pensando.

— Que lindo! — disse ela. — Como minha mãe era jovem!

Sua voz tremeu e ela ficou em silêncio. Pedi que me dissesse o que estava passando por sua cabeça naquele momento.

— O que quer que eu diga? Não vê como éramos felizes?

Olhei a foto e perguntei sobre suas irmãs, que a abraçavam na imagem.

— Esta é Lucía — apontou. — E esta outra, Lourdes — com quem ela não falava havia cinco anos. — Minha mãe era linda. E, como eu disse, nessa foto ela era muito jovem. Mais nova do que eu agora.

Devolvi a foto para que ela a pudesse olhar.

— Estou enganado ou você não está sorrindo como os outros?

Ela observou a foto por alguns segundos.

— É que eles me obrigaram a sair na foto. Eu estava brincando com Leila, minha melhor amiga, e tive que parar porque minha mãe foi me buscar.

— Entendi. E você não queria ir?

— De jeito nenhum.

— Por isso saiu séria... brava?

— Pode ser.

— Então, você não estava feliz.

Ela olhou para mim.

— Eu era uma criança — comentou, como se o sentido disso fosse óbvio.

— Eu sei. Durante toda sua infância você foi uma criança. Mas era disso que estávamos falando na sessão anterior, de como você foi feliz quando era pequena. Pois bem, aqui não parece.

— Foi só um momento.

Assenti.

— Você me disse que sua mãe interrompeu uma brincadeira com sua melhor amiga para obrigá-la a sair na foto. Ela sempre fazia esse tipo de coisa?

— Que coisa?

— Interromper sua diversão.

Ela pensou por alguns segundos.

— Sim. Ela era brava, geniosa. Às vezes, acho que ela não suportava ficar sozinha e precisava nos manter sempre a seu lado.

— E às suas ordens.

Silêncio.

— As três?

— Não. Lucía se safava, talvez por ser a mais velha. Lourdes e eu não tínhamos tanta sorte.

— Bom, então se vê que você nem sempre foi tão feliz como dizia.

Ela não respondeu.

— E seu pai? É a única pessoa que está na foto de quem você não falou. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Talvez porque ainda não consegue falar dele no passado, porque não consegue aceitar sua morte, não acha?

— Pode ser. Acho que ainda não estou pronta para isso.

— Se não estivesse, você não teria me trazido esta foto.

Ela me interroga com o olhar.

— Mistérios do Inconsciente, você vai se acostumar — e prossigo.

— É possível que sua infância não tenha sido tão feliz como você acreditava? Que agora, olhando a distância, sinta que “deve” ter sido feliz, o que é diferente?

— E por que eu sentiria isso?

— Talvez porque seu pai estava vivo. Porque Lourdes, que já nem atende às suas ligações, naquela época abraçava você. Porque sua mãe não só era uma mãe voluntariosa que interrompia seus momentos de diversão, como também, como você mesma disse, era uma mulher jovem e bonita. Talvez porque você ainda não havia se separado. Porque a vida ainda era uma folha em branco.

Muitas vezes eu brinquei com essa ideia.

Mesmo que estejamos cercados de gente, viver implica aceitar o desafio de estar sozinho. E, mais cedo ou mais tarde, chega um

momento na vida em que essa solidão começa a se encher de ausências, ou melhor, de presenças que não deixam de estar presentes, mesmo que algumas pessoas, como o pai de Daniela, tenham morrido. Mas restam suas vozes, que nos visitam em nossa solidão.

Às vezes eu me digo: *tranquilo, Negro* – que é o que meu pai me diria se fosse vivo. Eu escuto suas palavras, elas me percorrem, e em minha solidão resgato o que guardo dele, mas aquilo que já não tenho também se faz presente.

É uma experiência que comecei a viver com a chegada da maturidade. Porque ser criança, como eu disse a Daniela, é como ter um caderno em branco. Não cuidamos tanto dele, somos displicentes, escrevemos com letra grande, de um lado só da folha, deixamos espaços, e, quando não gostamos de alguma coisa, a arrancamos e jogamos fora. Mas, à medida que os anos passam, começamos a escrever com letra cada vez menor, mais apertada, nas margens, querendo estender o caderno – a vida – um pouco mais.

Quando somos crianças, cada instante é uma possibilidade. Podemos tomar muitos caminhos diferentes. Ser músicos, comerciantes, cientistas ou atletas. Mas o tempo faz que essas possibilidades sejam cada vez menores. Então, é provável que enfeitemos a recordação da criança que fomos um dia.

Era o que acontecia com Daniela. Seu casamento fracassado, cheio de traições e dor, o sonho da maternidade que ela não pôde realizar e o distanciamento de sua irmã Lourdes, a quem tanto amava, faziam que seu presente fosse triste e solitário. A morte inesperada de seu pai foi o golpe que a levou a buscar desesperadamente algum momento em que houvesse sido feliz, e a infância lhe deu essa oportunidade, ao preço de modificar lembranças e negar episódios dolorosos. Assim, Daniela construiu em sua mente uma felicidade enganosa. Mas acaso toda felicidade não é, em alguma medida, uma felicidade enganosa, uma felicidade resignificada?

Talvez a felicidade não seja algo que podemos sentir, e sim algo que deduzimos, algo de que sentimos saudades. Talvez seja necessária uma distância para reconhecer que lá longe, nessas vivências

passadas, houve sopros de felicidade que não vimos. Talvez não seja fácil discernir quando estamos sendo felizes. Exceto nos poucos momentos de fulgor, de espasmo, onde abraçamos um instante que sabemos único e inesperado. Um instante que pode estar em um quadro, em um beijo, em uma melodia ou em um gol.

Não recordo minha vida sem música.

Quando eu era pequeno, desde os seis ou sete anos tive que enfrentar uma tarefa que ainda hoje me desagradava: ir comprar coisas que minha mãe mandava. Ela me mandava ao mercadinho não menos de quatro ou cinco vezes por dia. Eram tempos diferentes; as crianças podiam andar sozinhas pela calçada e os vizinhos, que eram quase da família, ficavam de olho em nós sem que percebêssemos. Lembro que eu chegava à loja de ferragens, que ficava na esquina, e pedia ao dono, seu Roque, que me dissesse quando tinha que atravessar a rua. O homem, sempre afetuoso, saía de sua loja, olhava para os dois lados e me dizia quando eu podia atravessar a fronteira da rua Ercilla. O tão temido mercadinho ficava do outro lado desse abismo. Ali começava o tormento.

O mercadinho de Tano era um lugar simpático, mas movimentado, e a proximidade afetiva fazia os vizinhos se demorarem uma eternidade lá dentro. A simples compra de três ou quatro coisas amenizada pelos casos, piadinhas e comentários podia levar uns quarenta minutos, e bastavam três clientes à minha frente para que minha manhã se esvaísse no cumprimento daquela tarefa. Até que, certa tarde, enquanto estava indo ao mercadinho pela terceira vez no dia, aconteceu o milagre. Da janela de uma casa que ficava a poucos metros da esquina surgiu uma melodia. Parei. Eu não tinha idade nem conhecimento para reconhecer o que estava ouvindo, mas soube imediatamente que estava diante de algo sublime. A partir daquele dia, ir até a esquina se tornou a razão mais importante de minha vida. Eu andava os poucos metros que a separavam de minha casa e me sentava na calçada bem embaixo daquela janela. Ninguém entendia por que eu escolhia aquele lugar para fazer a tarefa ou simplesmente

deixar o tempo passar. As pessoas não sabiam que, na verdade, eu ia até ali esperar que o milagre se repetisse. E um dia, o milagre aconteceu de novo.

Não sei quanto tempo se passou. Dias, semanas ou meses. O tempo é estranho, especialmente quando somos pequenos. A verdade é que a melodia sagrada apareceu de novo e, sem saber por que, comecei a chorar. Fiquei estático até que a canção terminou. Eu tinha que voltar para casa, mas um pensamento me deteve: não podia depender da sorte. De novo não. Tinha que saber qual era a música que tanto me comovia. Como minha altura ainda não me permitia alcançar a campainha, bati à porta com decisão. Poucos segundos depois, apareceu “El Colo”. Era alguns anos mais velho que eu, não sei quantos. Com vergonha, eu lhe pedi que me dissesse o que estava escutando. Minha pergunta deve tê-lo surpreendido, porque ele respondeu com muita ternura. Agradei e saí correndo. Não consegui decorar o nome que ele havia dito. Poucos dias depois, ao chegar da escola, minha mãe apontou para um vinil que estava em cima da mesa. Perguntei o que era.

— Não sei — respondeu ela —, “El Colo” deixou para você hoje de manhã. O que você está aprontando? — perguntou, olhando-me nos olhos.

Dei de ombros, sem saber o que responder.

— Vamos ver o que é!

Ela foi até o toca-discos, colocou o disco de vinil e a magia saiu pelos alto-falantes. Lá estava minha melodia. A celestial, a sublime. E estava em minha casa.

Então, eu soube que era o *Adagio*, de Tomaso Albinoni.

Eu fiquei sentado em silêncio ao lado do aparelho.

— Não era brincadeira — disse ela. — Você realmente gosta de música.

Semanas depois, meu pai voltou do trabalho com o violão usado embrulhado em papel pardo. Peguei-o nas mãos, incrédulo, e li a marca no fundo: “Tranquera”. Três dias depois, com aquele instrumento que era maior que eu, comecei a estudar música.

Nunca agradeci àquele menino que mudou minha vida. Não recordo seu nome. Tomara que ele encontre estas páginas e saiba que seu gesto deu à minha infância uma centelha de felicidade. E mudou minha vida.

* * *

Em geral, não temos a consciência de estar sendo felizes. O presente é tão dinâmico, tão instantâneo, que é difícil compreender o que estamos sentindo. Talvez por isso seja mais frequente buscar a felicidade no passado ou projetá-la no futuro.

Há algo nesse olhar que me preocupa. De algum modo, é como reconhecer que a felicidade não existe. Se não for aqui e agora, que importância tem? De que adianta perceber aos sessenta anos que aos dez fomos felizes? De alguma coisa, talvez. Talvez dê um sentido à nossa história. Ninguém deseja que sua vida tenha sido em vão. Por isso, encontrar um sentido na infância, na juventude ou no passado mesmo pode ser importante. Queremos dar dramaticidade à nossa vida, para um extremo ou para o outro: felicidade ou tragédia. E, sem perceber, modificamos as lembranças para sentir, e para contar, que fomos muito felizes ou infelizes ao extremo. Assim, com a ilusão de não ter vivido em vão, algumas pessoas acrescentam à sua infância uma felicidade que não esteve lá, ou um excesso de dramaticidade que também não existiu.

Falávamos da hipótese de que é possível que a felicidade não exista. E era exatamente isso que afirmava Arthur Schopenhauer, um pensador admirado e ao mesmo tempo temido; o filósofo alemão cujo pai se suicidou pulando do telhado de casa e que foi expulso de seu lar pela mãe quando era ainda um adolescente.

Com um pessimismo aterrador, ele escreveu:

Nós nos assemelhamos a cordeiros que brincam no prado enquanto o carniceiro seleciona alguns deles com o olhar: pois em nossos dias

bons, não sabemos que mal o destino nos reserva neste instante – doenças, perseguição, pobreza, mutilação, cegueira, loucura, morte etc. [...]

A história nos mostra a vida dos povos e não encontra mais que guerras e rebeliões para contar: os anos de paz aparecem de vez em quando só como breves pausas, entreatos. E a vida do indivíduo também é uma constante luta – não simplesmente em um sentido metafórico – contra a necessidade e o tédio; também em sentido real, contra os outros. Por todo lado encontra um adversário, vive em constante luta e morre com as armas na mão. Contribui – e não pouco – com o tormento de nossa existência o fato de que o tempo nos apressa, não nos deixa respirar e está atrás de cada um como um mestre de disciplina, com o chicote na mão. Só perdoa aqueles que se entregaram ao tédio.

Schopenhauer pensava que a vida de toda pessoa é apenas um pêndulo que oscila da dor ao tédio. Dor quando não se tem o que se deseja; tédio quando se consegue o ansiado.

Ao dizer que a única coisa que se percebe é a dor, que a felicidade é, muitas vezes, indetectável, a visão de Schopenhauer é um correlato da primeira ideia que propusemos sobre a “felicidade invisível”, sobre a dificuldade de compreender quando estamos sendo felizes.

Nossa sensibilidade para a dor é quase infinita; a que se refere ao prazer tem limites estreitos [...] Porém, tudo o que se opõe à nossa vontade, que a contraria e resiste a ela, ou seja, tudo o que é desagradável e doloroso, nós sentimos de forma imediata, logo e com grande clareza. Assim como não sentimos a saúde de todo nosso corpo, mas apenas o ponto onde o sapato nos aperta, também não pensamos em todos os nossos assuntos que caminham perfeitamente bem, e sim em alguma pequenez insignificante que nos desagrada.

Compartilho dessa ideia. A felicidade é difícil de detectar porque se esconde em detalhes que às vezes não podemos perceber. Talvez

Daniela não estivesse tão enganada; talvez a lembrança seja um fato artístico que nos permite melhorar a realidade. Ou destruí-la.

* * *

Fala-se da existência de um quadro do pintor veronense Girolamo dai Libri que estava destinado a um altar. Tratava-se de uma paisagem na qual se via uma árvore pintada de maneira tão verossímil que as andorinhas que faziam ninho na igreja tentavam pousar em seus galhos e se chocavam contra a pintura repetidamente.

Mas existe uma história ainda mais interessante.

No início do século V a.C., vivia em Atenas o famoso pintor Zêuxis, que um dia decidiu pintar uns cachos de uvas. Orgulhoso de sua obra, convidou seu colega Parrásio a ir ver o quadro. Este, invejoso de antemão, foi ao estúdio de Zêuxis e, embora de uma maneira meio displicente, teve que admitir a incrível qualidade das uvas pintadas. Ao escutar suas palavras, Zêuxis se levantou para abrir a porta e, nesse momento, entraram uns pardais da rua, e a pequenos saltos chegaram ao fundo do ateliê, onde descobriram o quadro das uvas. Nesse mesmo instante, deixaram de pular e levantaram voo para pousar nas supostas frutas e começaram a bicá-las.

Zêuxis ficou radiante de alegria ao ver o espanto de Parrásio, que só a partir desse fato começou a valorizar a obra.

Quando já havia se recuperado do espanto, Parrásio pensou que, afinal de contas, enganar pássaros não era grande coisa e que em nenhum momento as uvas pintadas o haviam induzido a se servir.

Passado um tempo, Parrásio pediu a Zêuxis que o visitasse. O convidado foi preparado para encontrar uma boa surpresa e decidido a não se deixar enganar.

Parrásio o tratou com muita gentileza. Estava de muito bom humor e fingia pretender apenas ter uma conversa amena com seu colega. Mas Zêuxis mal escutava o que seu anfitrião dizia e quase não respondia, até que, em dado momento, não pôde mais dominar sua impaciência e perguntou, sem inibição alguma, se o dono da casa não teria

alguma obra nova para lhe mostrar. Parrásio disse que sim. O novo quadro, admitiu, estava pendurado ali, no fundo da câmara, coberto por uma cortina, e convidou Zêuxis a se aproximar para descobri-lo.

Zêuxis foi até a parede do fundo e estendeu o braço para abrir a cortina, mas não pôde. Imediatamente, tornou a tentar pegá-la, mas foi em vão. A cortina não existia, era pintada. Abatido, ele reconheceu sua derrota. Parrásio havia enganado um artista, e não só meia dúzia de pardais.

Algo parecido tentam fazer as pessoas que pincelam sua infância buscando construir um ontem de perfeição e felicidade. Algumas conseguem e, assim, bicam uvas inexistentes e abrem cortinas mentirosas, sendo, ao mesmo tempo, o pintor e o enganado. Todo ser humano quer acreditar que em algum momento sua vida teve sentido. Então, lança-se a essa busca, e a infância apresenta territórios de ingenuidade que favorecem a possibilidade desses encontros.

O desconhecimento da morte, por exemplo. Se bem que essa ignorância dura pouco. Já aos três ou quatro anos as crianças começam a se inquietar com o assunto e a intuir que a vida esconde algo fatal. Elas o percebem e, ao mesmo tempo, o negam. Trata-se de um mecanismo psíquico da psicanálise chamado “renegação”, que consiste em afirmar e negar um juízo ao mesmo tempo. Vemos isso nas pessoas que vão a videntes para ler a sorte, mesmo afirmando que não acreditam nessas coisas. Podemos encontrar a melhor demonstração desse mecanismo em um dito popular: “Eu não acredito em bruxas, mas que existem, existem”.

As circunstâncias da vida, porém, indicam que, por mais que tentemos negar, a morte existe. A perda de um animal de estimação basta para que sintamos o impacto, e surge a pergunta: “Mamãe, você também vai morrer?”. Uma pergunta que esconde outra ainda mais poderosa: “Eu também vou morrer?”. Nessa vizinha assustada distingue-se a angústia, e a felicidade começa a rachar. A segurança que os pais ofereciam cambaleia e nada mais é como antes.

Eu já disse algumas vezes que não dá para ser feliz sem pagar o preço, que é ter certa ignorância. A isso eu me referia.

A infância é um lugar onde as ilusões são possíveis, onde existe o Papai Noel que viaja de trenó só para nos trazer um presente, desde que tenhamos nos comportado direitinho. Um tempo em que há espaço para acreditar que alguém julga nossos atos e que ser bom implica uma recompensa. Crenças que fazem da infância um âmbito capaz de alojar uma felicidade luminosa que vai se perdendo à medida que essas ilusões se desfazem. O mundo deixa de ser um lugar mágico, Papai Noel não mais existe, o universo não é perfeito e a vida não é justa.

Mas a infância não é um lugar – um tempo – tão perfeito nem tão feliz quanto parece; não deixa de estar perpassada por dificuldades, medos, raiva e ciúmes.

* * *

Já faz um tempo que eu e a infância voltamos a nos conectar. Devo isso a Zoe, minha neta. Todas as quintas-feiras temos nosso encontro pessoal. Vou buscá-la cedo e vamos tomar café da manhã. Ela toma um suco de laranja e come um sanduíche de queijo. Sempre a mesma coisa. As crianças encontram um lugar de prazer nas repetições. Por isso, toda semana tentamos nos sentar à mesma mesa. Ela sabe qual é seu lugar e qual é o meu. Depois, ela me pede para vermos um filme. Filme que ela já viu muitas vezes, evidentemente. E conversamos. Em sua língua, ela me conta a trama, quem é o bonzinho e quem é o malvado, o que vai acontecer, e, assim, compartilhamos horas enquanto eu me emociono e, secretamente, tento fazer que me ame para habitar sua memória.

Depois do café da manhã, eu a levo à escola no colo e canto durante o caminho. Ela costuma adormecer enquanto entoa algumas notas longas no final de cada verso. Ao chegar, deixo-a com suas professoras. Agora é uma despedida tranquila, mas no começo, quando ainda estava em processo de adaptação, cada vez que eu ia deixá-la ela implorava: “Não, abu, não!”, e esticava os bracinhos pedindo que eu a pegasse no colo de novo. Zoe tinha medo. Ficava desolada. É compreensível; afinal de contas, ficava sozinha em um mundo

cheio de desconhecidos. Sabendo que essas despedidas devem ser breves, eu ia embora imediatamente, com a lembrança de sua carinha angustiada. Se pudéssemos capturar esse momento, a fotografia mostraria um dos muitos instantes de terror que percorrem a infância.

O filhote humano descobre bem cedo que habita um lugar ameaçador e que é incapaz de viver sozinho. Mesmo querendo guardar a percepção de suas risadas e brincadeiras, temos que reconhecer que a angústia, o medo e a tensão fazem parte de suas emoções comuns. Por isso, a premissa de que a felicidade está na infância é, no mínimo, duvidosa. O passado, porém, é um tempo ao qual todo ser humano volta de vez em quando.

* * *

No início de minha carreira, eu trabalhava em um asilo, e muitas vezes, ao perguntar aos idosos que viviam ali como eles estavam, obtinha a mesma resposta: vivendo das lembranças. E era assim mesmo. Eu notava isso em cada conversa. Voltavam às recordações constantemente, como se fosse o único recurso para recuperar um pouco de felicidade. Mas por quê? O que buscamos com esse retorno? Aonde queremos voltar, à realidade?

A resposta é dura: todo ser humano busca voltar a um lugar sinistro.

Na psicanálise, falamos dos dois mecanismos que regem o funcionamento psíquico: “princípio do prazer” e “princípio da realidade”. Mas, ao fazê-lo, acabamos excluindo um terceiro mecanismo, que Freud denominou “princípio do Nirvana”.

Vamos ver em que consiste cada um deles.

Diante do mundo, a psique reage aos estímulos que recebe. Estímulos que geram graus diversos de tensão. O “princípio do prazer” tenta manter essa tensão em um nível que seja suportável. Quando a tensão sobe demais, ele a reduz, e, quando cai em excesso, procura aumentá-la, porque um nível baixo demais produz um estado de desânimo, falta de desejo e depressão. Por outro lado, se a tensão passa dos limites, surge uma sensação desagradável, que

costumamos denominar ansiedade. Quando isso ocorre, o aparato psíquico busca alguma forma de descarregar essa tensão excedente, e surgem então, por exemplo, a raiva, os gritos, o pranto ou as brigas.

“O princípio da realidade” impõe um limite à tendência de descarga automática que guia o “princípio do prazer”.

Suponhamos que uma pessoa esteja incomodada com o chefe. Está com raiva e sente vontade de insultá-lo ou jogar longe tudo o que está em cima da mesa, mas a realidade lhe mostra que ela precisa do emprego e que, se fizer isso, certamente será despedida. Então, ela tem que resistir à tentação da descarga automática e encontrar outra maneira de resolver o conflito psíquico. Ou seja, “o princípio da realidade” aporta a possibilidade de mediar, de pôr algo entre o estímulo e a resposta. O empregado furioso pode, talvez, ir até a cozinha, fazer um café, comentar com um colega o que aconteceu, e, assim, ir diminuindo sua ansiedade. Talvez possa até solicitar uma reunião com seu chefe para esclarecer a situação e expor seus argumentos.

Se não fosse pelo “princípio da realidade”, a vida seria cheia de agressão, rupturas e estados depressivos. Cada vez que alguém se contém para não discutir com o companheiro, brigar com o filho ou o amigo, encontra-se sob o domínio do “princípio da realidade”.

Mas existe também o “princípio do Nirvana”, que consiste na tendência a reduzir a tensão a zero e, assim, esvaziar de ansiedade o aparato psíquico. Isso implicaria voltar a um estado inerte anterior à vida, voltar ao nada, ou seja, à morte. É o que encontra o suicida que renuncia à vida e se entrega plenamente à satisfação de sua pulsão de morte. Esse é o retorno tão temido. Uma pulsão que percorre todo ser humano.

Por que se chama “princípio do Nirvana”?

Os orientais ansiavam chegar ao Nirvana, esse estado em que a pessoa se livrou de todos os seus desejos, é uma com o universo e nada a perturba. Não há mais bem nem mal e não importa se alguém nasce, vive ou morre. Enfim, o Nirvana é um estado no qual qualquer coisa que ocorra é considerada parte de uma ordem universal perfeita. Porém, isso que no Oriente seria o fim último da evolução espiritual, para nós pode ser o verdadeiro inferno. Porque para nós

importa se alguém que amamos vive ou morre, se nos ama ou não. É verdade que o desejo gera certo grau de tensão, dor e esforço, mas esse é o custo que a pulsão de vida impõe para enfrentar a pulsão de morte, essa busca diligente e destrutiva que percorre todas as pessoas desde o instante em que chegam ao mundo.

Além ou aquém do princípio do Nirvana, não existe também a tentação de voltar, pelo menos nas asas da recordação, aos territórios da infância, especialmente quando se foi feliz?

Penso naquelas mulheres que viviam no asilo em que eu trabalhei quando era jovem. Lá aprendi muito sobre a solidão e o desafio de transitar a vida quando resta pouco futuro. Assim, com quase nada a esperar, só lhes restava o desejo de ter tido uma vida boa.

Em geral, concebemos a esperança como um anseio com vistas ao futuro. Naquele lar, eu descobri que nem sempre é assim. Que também existe uma esperança que olha para o passado. Aquelas mulheres olhavam para a própria história com a esperança de ter sido felizes. Apegavam-se às suas lembranças e voltavam a elas repetidamente. O que buscavam nesse retorno ilusório?

Não posso evitar que surjam em meu pensamento os versos de Fernando Pessoa: *No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, eu era feliz e ninguém estava morto*. Essa frase situa a felicidade nesse território onde ninguém morreu ainda. Território ao qual gostaríamos de voltar, nem que fosse por um instante.

Claro que não é preciso ser idoso para olhar para trás. Todo mundo tem saudade daqueles tempos em que aconteciam coisas mágicas e costumava visitar lembranças que trata de embelezar. A convocação nostálgica a uma reunião da turma da faculdade não é mais que um grupo de desconhecidos que se reencontram para recordar como foram felizes quando tinham dezessete anos. Mas eram mesmo tão felizes?

De qualquer maneira, sempre buscamos no passado, quase com desespero, um sinal de não ter vivido em vão. O fato de termos colocado os pés nesta vida significou algo ou iremos embora dela sem pena nem glória?

Lembro um programa de TV de fim de temporada, na época do Natal. Era conduzido por Alejandro Dolina. Eu assistia a ele impressionado.

Dolina, Horacio Ferrer e Antonio Carrizo dividem uma mesa.*

Falam do futuro, do costume de desejarmos felicidades para o próximo ano. Em determinado momento, dá-se o seguinte diálogo:

Dolina (para Ferrer): *Você que é um homem da palavra e da retórica, que entende de metáforas, metonímias, hipálages e “oximorões” (risadas) sabe que existe um tipo de despedida, um tipo rico em hipérboles, propício ao brinde...*

Ferrer: *De fato. Você falou das últimas coisas, das últimas instâncias. Mas tudo isso é inerente ao ser humano. Só o ser humano tem noção do tempo, tem passado, tem presente e — possivelmente — futuro. Para a rosa, para o leão e para a safira não existem últimas vezes. De modo que o futuro é eminentemente humano. O futuro é tão antigo quanto o homem. Este fim de ano é aquilo que quisemos, aquilo que esperamos e que nos encheu de expectativas há trezentos e tantos dias. Agora, tornamos a nos encher de expectativas, de esperas, de sonhos. É preciso ter cuidado, porque o futuro costuma ser um velho mentiroso.*

Dolina: *É. Eu já aprendi a desconfiar do porvir, garanto. E você (para Carrizo), por que não brinda? Você é um profissional.*

Carrizo: *Eu acho que vocês inspiram a necessidade de um brinde de feliz 1990.*

Dolina: *Como assim 1990?*

(O ano de 1990 era justamente o que estava terminando.)

Carrizo: *Claro, um 1990 que encha nosso espírito e nosso coração de boas memórias e boas lembranças. Brindo pelo que vivemos e pelo que vale a pena recordar.*

Dolina: *Tudo bem, um feliz passado para você, então.*

* Dolina, Ferrer e Carrizo são três grandes nomes da cultura argentina. Alejandro Dolina é escritor, músico e radialista. Horacio Ferrer foi poeta e letrista de tangos, parceiro de Astor Piazzolla. Antonio Carrizo destacou-se como locutor e apresentador, com importante atuação na difusão da literatura e da música no rádio e na TV. (N.E.)

Não é uma má ideia desejarmos um “feliz passado”. Afinal de contas, nele está aquilo que nos constitui. Talvez por isso, quando a pessoa é muito velha, como as mulheres do asilo em que eu trabalhava, quando o planejamento já parece não ter nenhum sentido, o que resta é desejar ter tido uma vida boa. Como recomendava Antonio Carrizo, um “feliz ano passado”. Um lugar cheio de lindas lembranças.

Joan Manuel Serrat compôs uma canção chamada “Mi niñez”.

*Tenía diez años y un gato
peludo, funámbulo y necio
que me esperaba en los alambres del patio
a la vuelta del colegio.*

*Tenía un balcón con albahaca
y un ejército de botones
y un tren con vagones de lata
roto entre dos estaciones.²*

É uma descrição comovente, mesmo o protagonista tendo coisas tão simples e imperfeitas. Não tinha soldadinhos de chumbo, e sim botões, e o trem com que brincava estava quebrado. Então, o que fazia daquele passado um cantinho feliz? Vamos seguir adiante.

*Tenía un cielo azul y un jardín de adoquines
Y una historia a quemar temblándome en la piel.³*

2 “Eu tinha dez anos e um gato/ peludo, equilibrista e tolo/ que me esperava nos varais do quintal/ no caminho de volta da escola.// Eu tinha uma varanda com manjerição/ e um exército de botões/ e um trem com vagões de lata/ quebrado entre duas estações.”

3 “Tinha um céu azul e um jardim de paralelepípedos/ E uma história ardendo e tremendo em minha pele.”

O céu azul e o jardim de paralelepípedos são parte de uma geografia habitual, mas a frase seguinte marca uma virada. O autor confessa que, naquela época, tinha uma história ardendo e tremendo em sua pele, e esse sim é um ponto transcendente. O caderno em branco. Tanto por viver, por amar ou, por que não, por sofrer. Afinal de contas, quem não sofre não ama, e quem não ama não vive.

Enquanto escrevo isto, recordo que ontem mesmo almocei com o dr. Nasio.

Há muito tempo nos une uma amizade que me comove. Durante anos eu me formei lendo seus livros. A vida quis que nos relacionássemos, e cada vez que ele vem à Argentina compartilhamos um encontro.

Durante o almoço, Juan-David me contou que, há um tempo, visitou um cemitério na Bretanha. Para algumas pessoas, e eu me incluo entre elas, os cemitérios distam muito de ser desagradáveis. Costumo percorrer um de vez em quando. Não busco respostas, apenas contemplo o inevitável. Mas o relato de Nasio me impressionou.

Segundo me contou, estava andando tranquilo quando, de repente, encontrou um túmulo branco, bem pequeno, cuja inscrição em letras douradas dizia:

Sou uma criança. Morri aos dezoito meses. Jamais conhecerei a vida. Não saberei o que é o amor nem a dor.

A comoção foi tão grande que não me lembro de mais nada. Ficamos ambos emocionados. Não se tratava da vida antecipando a morte, pelo contrário: era a morte falando com a vida. A morte com saudades das dores que nunca poderá sofrer. As histórias ardendo que nunca tremerão em sua pele. A morte injusta desejando a vida injusta.

Voltando, no final de uma das estrofes, Serrat diz: *creo que entonces era feliz*; acho que então eu era feliz.

Joan Manuel Serrat, o artista, o adulto, olha para seu passado com a intuição de ter sido feliz. Não a certeza, mas ao menos a suspeita de que houve um tempo em que até as coisas mais simples, um gato

e um chão de paralelepípedos, um trem quebrado e uma história ardendo davam sentido à sua vida.

No final, outro verso introduz uma pergunta perturbadora: *¿Y dónde dónde fue mi niñez?* E pra onde, pra onde foi minha infância?

Algo parecido pergunta Cátulo Castillo no tango *Tinta roja*:

¿Dónde estará mi arrabal?

*¿Quién se robó mi niñez?*⁴

Perguntas desoladoras que, contudo, têm resposta.

O subúrbio está na memória e o tempo sempre rouba a infância. O arcano mais cruel, aquele que não perdoa.

Volto aos versos de Serrat e percebo a repetição permanente de uma palavra: “tinha”. E compreendo a razão de tanto amor por sua infância; afinal, é o mesmo autor que disse que não há nada mais amado que aquilo que se perdeu.

Ao citar Alejandro Dolina, algo que sempre ocorre em meus livros, recordei que, em um de seus contos, “Refutación del regreso”, ele faz essa tentativa de sustentar com vida aquilo que já não está. Mas não aponta só à recordação; com seu estilo poético e seu jeito ardente de perceber o mundo, “os homens sensíveis de Flores”, os protagonistas de muitas aventuras dolinescas, não se conformavam com regressos memoriosos; ansiavam por um retorno pleno e total. Cito:

Não há sonho maior na vida que o Sonho do Regresso. O melhor caminho é o caminho de volta, que é também o caminho impossível. Os Homens Sensíveis de Flores, em seus trajetos noturnos pelas ruas do bairro, planejavam voltar.

Voltar a qualquer lugar.

À adolescência, para reencontrar os velhos amores.

À infância, para recuperar as bolinhas perdidas.

4 “Onde estará meu subúrbio?/ Quem roubou minha infância?”

*À primeira namorada, para lhe jurar que não foi esquecida.
À escola, para sentir esse cheiro de suor e giz que não se encontra em nenhum outro lugar.*

Voltar foi, para eles, a aventura proibida. Todas as noites, sonhavam com quintais queridos e carinhos ausentes. E a cada manhã acordavam chorando, desenganados, e reviravam a cama para ver se algum pedaço de sonho havia ficado enroscado entre as cobertas.

Nesse conto que denuncia a impossibilidade do regresso, conta-se que o russo Salzman, lendário jogador de dados, gastou a fortuna que havia ganhado no cassino de Mar del Plata para comprar a casa de sua infância.

*Uma vez instalado, compreendeu que o investimento fora inútil.
— Recuperei minha casa — disse ele —, mas não minha infância.*

Ele tinha razão.

Não há ontens aos quais voltar. Não há outros paraísos a não ser os paraísos perdidos, escreveu Borges. O passado é irrecuperável, mas não irrepetível.

* * *

Antes, falávamos do Nirvana, esse estado no qual já não há nenhum desejo, e dissemos que era a morte, porque o ser humano sempre requer um desejo que o mobilize e dê sentido à sua vida. Mas como surge esse desejo?

No começo de sua obra, Sigmund Freud propõe um conceito que define uma experiência que pode nos ajudar a responder a essa pergunta.